



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index>

ISSN: 2359-1870

O CONTEXTO DAS IMAGENS NAS CAPAS DA REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

Marcus Vinicius de Lima Xavier¹

Ana Paula Nunes Chaves²

Resumo


Neste artigo buscamos compreender de que maneira o Brasil é representado nas capas da revista National Geographic Brasil. Existe uma tendência de representar o país de uma determinada forma? Como isso nos educa geograficamente e constrói uma certa imagem de Brasil nas pessoas que acessam a revista? A partir dessas perguntas, investigamos a representação do Brasil nas capas da revista National Geographic Brasil, e como isso constrói imaginários geográficos sobre o país. Para tanto, foram selecionadas 140 capas da revista publicadas nos anos 2000 a 2011, destas, seis trazem o Brasil em destaque. Depois de selecionar as capas, foram realizadas as análises das mesmas por meio da leitura da imagem e dos textos a ela associados. Em seguida, realizamos a descrição de cada capa para, depois, fazer os agrupamentos temáticos e analisar esse conteúdo. As capas da revista National Geographic Brasil, que abordam o país, trazem uma perspectiva predominantemente voltada para o destaque na fauna e na flora, sendo que a abordagem de maior representatividade é a Amazônia, explorada nas capas de diferentes maneiras. Isso cria uma imagem do Brasil na consciência internacional de engajamento na conservação ambiental e da história dos povos que vivem no país. Assim, a pesquisa problematizou como as imagens podem nos educar geograficamente a reconhecer espaços e territórios brasileiros.

Palavras-chave: Imaginário geográfico. Cultura visual. Educação pelas imagens.

Marcus Vinicius de Lima Xavier

Universidade do Estado de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil


<mr_marcusxv@hotmail.com>

 <https://orcid.org/0009-0002-8837-9328>

Ana Paula Nunes Chaves

Universidade do Estado de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil

<ana.chaves@udesc.br>

 <https://orcid.org/0000-0002-5754-3001>

Recebido em: 8/04/2023

Aprovado em: 16/05/2023

¹ Licenciado em Geografia, pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

² Doutora em Educação, pela Universidade de São Paulo. Mestra em Geografia, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharela e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina.

EL CONTEXTO DE LAS IMÁGENES DE LAS PORTADAS DE LA REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

Resumen

En este artículo buscamos comprender cómo se representa a Brasil en las portadas de la revista National Geographic Brasil. ¿Hay una tendencia a representar al país de cierta manera? ¿Cómo nos educa geográficamente y construye cierta imagen de Brasil en las personas que acceden a la revista? A partir de las preguntas, investigamos la representación de Brasil en las portadas de la revista National Geographic Brasil, y cómo esta construye imaginarios geográficos sobre el país. Para eso, fueron seleccionadas 140 portadas de la revista publicadas en los años 2000 a 2011, de las cuales seis destacan a Brasil. Una vez seleccionadas las portadas, se procedió a su análisis mediante la lectura de la imagen y los textos asociados a la misma. A continuación, describimos cada portada para luego hacer agrupaciones temáticas y analizar este contenido. Las portadas de la revista National Geographic Brasil, que cubren el país, traen una perspectiva predominantemente enfocada en resaltar la fauna y la flora, siendo el enfoque más representativo la Amazonía, explorada en las portadas de diferentes maneras. Esto crea una imagen de Brasil en la conciencia internacional de compromiso con la conservación ambiental y la historia de los pueblos que viven en el país. Así, la investigación problematizó cómo las imágenes pueden nos educar geográficamente para reconocer los espacios y territorios brasileños.

Palabras-clave: Imaginario geográfico. Cultura visual. Educación a través de imágenes.

THE CONTEXT OF THE IMAGES ON THE COVERS OF THE NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL MAGAZINE

Abstract

In this article we seek to understand how Brazil is represented on the covers of National Geographic Brazil magazine. Is there a tendency to represent the country in a certain way? How does this educate us geographically and build a certain image of Brazil in the people who access the magazine? From the questions, we investigate the representation of Brazil on the covers of National Geographic Brasil magazine, and how this builds geographic imaginaries about the country. For that, 140 covers of the magazine published in the years 2000 to 2011 were selected, of which six bring Brazil to the fore. After selecting the covers, their analyzes were carried out by reading the image and the texts associated with it. Next, we describe each cover and then make thematic groupings and analyze this content. The covers of National Geographic Brasil magazine, which cover the country, bring a perspective predominantly focused on highlighting fauna and flora, with the most representative approach being the Amazon, explored on the covers in different ways. This creates an image of Brazil in the international consciousness of engagement in environmental conservation and the history of the peoples who live in the country. Thus, the research problematized how images geographically educate us to recognize Brazilian spaces and territories.

Keywords: Geographical imaginary. Visual culture. Education through images.

Apresentação

Quando pensamos em imagens, e em como elas influenciam o mundo contemporâneo, talvez não percebemos a importância, a força e a maneira como as imagens moldam nossa maneira de encarar diferentes aspectos do mundo, ou como elas modulam o nosso imaginário.

Em um ritmo crescente, os registros visuais possuem um poder significativo na modernidade, ganhando uma relevância cada vez maior. Dessa forma, quando analisados ao longo do tempo, o que percebemos é que as imagens ganham cada vez mais espaço na sociedade contemporânea.

Para exemplificar como os registros visuais possuem significativa relevância para as pessoas, Souza (2010) afirma que a imagem e a fotografia buscam representar a essência da realidade e é dessa forma que as pessoas as encaram. Os registros visuais estão se consolidando cada vez mais como agentes transformadores sociais, ao trazerem percepções para as pessoas sobre diferentes aspectos das sociedades. Dessa forma, podemos então perceber como a imagem é notoriamente importante para a sociedade contemporânea e como os registros visuais desempenham um papel relevante devido às imagens estarem associadas à noção de veracidade, o que lhes atribui determinado poder de comunicação e subjetivação.

Um exemplo desse poder de construir imaginários geográficos sobre determinado lugar, paisagem ou cultura pode ser visto em como é abordado os povos do Oriente Médio. Como são representados? Como são escolhidos as imagens e os textos para apresentarem essas nações e como isso impacta na maneira como as diferentes sociedades criam imaginários geográficos acerca desses locais?

A investigação de Souza (2010) foi inspiradora para pensar nosso problema de pesquisa. Por meio da investigação de como a revista National Geographic representa os povos do Oriente Médio, o autor chegou à conclusão de que os povos, provenientes dessa região, são representados de uma maneira que aparentam serem pobres, violentos, sujos e atrasados. A representação destes povos, de acordo com a análise do autor, é de que, caso aceitassem a ajuda dos ocidentais, poderiam evoluir como nação.

A partir dessa problemática anunciada, temos como objetivo analisar a maneira como o Brasil é representado nas capas da revista National Geographic Brasil, e como isso cria uma cultura visual geográfica a respeito de determinados lugares. Para tanto, a investigação fez uso da pesquisa do tipo documental. Iniciamos com o arquivamento de todas as capas das revistas publicadas no Brasil, disponibilizadas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, durante os anos de 2000 e 2011. Foram arquivadas e analisadas um conjunto de 140 capas das revistas, e selecionadas seis capas que faziam menção explícita ao Brasil, seja na imagem, título ou subtítulos.

A revista National Geographic e as concepções de mundo

A revista National Geographic foi escolhida para a análise dessa pesquisa por sua relação direta com o conhecimento geográfico e por possuir relevância e alcance mundial. A influência da National Geographic no mundo é tamanha, sendo considerada globalmente a revista científica mais lida da Terra. A revista busca, em sua missão de existência, a proteção do planeta e a conexão de distintos povos, para assim criar uma rede de vantagens e proteções para a humanidade e para o planeta. Dessa forma, pode ser considerada um destaque mundial quando se trata de levar conhecimento geográfico para o mundo.

A National Geographic é a revista científica mais lida em todo o mundo, tendo publicado a primeira edição em 1888. Usa o poder da ciência, das explorações e da educação para contribuir para a proteção do mundo e das pessoas, tendo como pensamento que se a sociedade estiver conectada com o mundo através da informação, então fará escolhas mais acertadas, que serão vantagens para o Planeta e para a humanidade (ARAÚJO, 2020, p. 5).

Fundada em novembro de 1888, a revista National Geographic foi lançada pelo influente grupo National Geographic Society, uma sociedade composta por homens cultos, de acordo com as palavras do presidente da associação, homens esses com cargos públicos importantes, com relação direta com o Estado, como os engenheiros de repartições públicas, deputados, assessores, senadores, embaixadores, militares, empresários, entre outros (BAITZ, 2005).

Cerca de duzentos homens criaram a associação sem fins lucrativos pois acreditavam ser importante disseminar o conhecimento geográfico para a população norte americana. Na opinião desses homens, do grupo National Geographic Society, a geografia tinha relevância de conhecimento, porém era ausente do debate nacional (BAITZ, 2005).

A revista possui uma relação intrínseca com os registros visuais, sendo inclusive precursora no quesito imagem associada a noticiários. Souza (2010) afirma que as imagens e fotografias na National Geographic passam a ganhar espaço conforme o tempo vai passando, de forma gradual. Sendo em 1896 que começam a conter imagens nos periódicos e, posteriormente, esses registros visuais se tornam símbolo da revista. De acordo com Souza (2010), as imagens começam a ter mais força a partir de 1899 e, depois disso, começam a estar em praticamente toda página da National, ganhando números impressionantes de imagens por edição de periódico. A National Geographic se tornou pioneira, nos EUA, na utilização de imagens e também de imagens noturnas, utilizando flash. A famosa marca Kodak se tornou parceira oficial da revista, tendo propagandas na revista desde 1897.

De acordo com Souza (2010), a National Geographic teve destaque mundial na representação de povos não ocidentais, definindo assim identidades. Porém, o que se deve analisar com cautela é a maneira como esses povos distintos são apresentados e representados pela revista.

Quando pensamos no impacto da imagem para as matérias publicadas, Souza (2010)

afirma que a foto no jornal ou notícia aproxima o observador de determinado conhecimento e, além da aproximação com quem observa, a reprodução fotográfica desempenha um papel mais complexo, ela deixa de ser apenas uma foto e passa a trazer um olhar de veracidade ao texto ali apresentado.

Dessa forma, além desse caráter de veracidade e de aproximação, Souza (2010) afirma que a fotografia ganha um valor informativo e passa assim pela construção e interpretação do leitor sobre um povo, levando em consideração valores ideológicos, de identidade, e as preferências estéticas, pelos modos de ver e captar o instante escolhido pelo fotógrafo e depois interpretado pelo observador.

Em sua análise da revista National Geographic, Souza (2010) afirma que as fotografias observadas na National agregam valores, criam estigmas, estereótipos, depreciam as imagens dos povos não ocidentais. Qualquer nação não ocidental é representada de forma primitiva, atrasada e irracional.

Corroborando com a análise de Souza (2010), a autora Araújo (2020) afirma que na revista National Geographic, com base na análise que realizou das capas da revista, é possível perceber que existe uma grande quantidade de estereótipos e que isso é perceptível com imagens ou ideias de diferentes temas.

Com relação à pesquisa de Souza (2010), com foco principalmente nos povos do Oriente Médio e em como esses são representados, percebe-se que os povos não ocidentais são apresentados, mais da metade das vezes, nas fotografias com roupas exóticas festivas. Em sua análise, isso passa a ser uma verdade absoluta e imutável para as pessoas ao redor do mundo, que acessam a revista sobre aquele determinado grupo de pessoas ou cultura não ocidental, ou seja, algo carregado de estereótipos. Como exemplo das imagens de não ocidentais na National Geographic, ressalta que os soldados estão cobertos de poeira das guerras, as crianças inocentes aparecem olhando algo e chorando, as mulheres também aparecem chorando, sendo esses alguns dos elementos que os fotógrafos utilizam para passar a mensagem de dor, sofrimento e conflito.

Já quando analisamos um exemplo oposto, como quando se trata da América do Norte, por exemplo, Baitz (2005) afirma que, em praticamente todas as imagens, se percebe um ângulo de foto privilegiado, com a intenção de passar a ideia de amplidão do espaço ali representado. Para o autor, os recursos utilizados para passar essa impressão podem ser o de fotos panorâmicas, aéreas ou o uso de figuras humanas, para assim estabelecer a proporção de escala e dar a ideia de grandiosidade. Tais escolhas de ângulos, que valorizam o espaço, não se limitam apenas a paisagens naturais da América do Norte, sendo inclusive utilizados esses recursos para retratar e passar a impressão de grandiosidade em questões de transformações tecnológicas, no mundo do trabalho, na agricultura e, até mesmo, de transporte. Esses elementos são representados de uma forma em que esses cenários aparecem sofisticados e grandiosos.

Analisando a perspectiva da América do Norte e a sua representação nas revistas da National Geographic, Baitz (2005) faz uma reflexão sobre o lado negativo ou os problemas que existem na América do Norte e que são silenciados ou não citados pela revista. Alguns

exemplos são as problemáticas questões sociais e raciais, o trabalho infantil em linhas de montagens das empresas na época da industrialização do país, o desmatamento, as queimadas, entre diversas outras problemáticas que assolaram os Estados Unidos e que não foram mencionadas nas imagens selecionadas para representar a América do Norte na revista.

Apesar do grande número de negros, mulheres e mesmo crianças que trabalhavam na linha de montagem das fábricas e demais frentes de trabalho, em nenhum momento eles aparecem nas imagens fotográficas da revista. Não há imagem alguma de devastação das florestas ou mesmo das catástrofes naturais que assolaram o país naqueles anos (bom lembrar que a cidade de São Francisco foi completamente arrasada por um incêndio decorrente de um tremor de terra ocorrido em 1906) (BAITZ, 2005, p. 245).

Por outro lado, a representação da América Latina, assim como a representação do Oriente Médio ou de povos não ocidentais, é de um local inóspito, atrasado, sem leis, mergulhado em atraso econômico e em um completo caos.

Baitz (2005) afirma que, o que se percebe, é a imagem positiva dos Estados Unidos, vendida constante e incessantemente para o mundo durante anos, até a exaustão. Enquanto que, a impressão que se tem ao observar a revista National Geographic e a representação de povos não ocidentais, é a de que a humanidade está em diferentes níveis de evolução, sendo considerado aquilo que foge do modo de vida ocidental como distante, estranho, exótico e até mesmo atrasado ou primitivo. Assim, como observado também por Souza (2010), a representação cultural ocidental apresentada pela revista é tida como modelo ou parâmetro a ser alcançado pelos demais povos da Terra.

Quando analisamos as revistas em sua versão brasileira, Vasconcellos e Goldchmit (2019) ressaltam que a maior parte de conteúdos da versão publicada no Brasil, a National Geographic Brasil, é de conteúdos diferentes da versão dos Estados Unidos. As edições lançadas no Brasil começam com a primeira versão lançada no país em maio de 2000, até a sua última edição lançada fisicamente em novembro de 2019. A National Geographic Brasil possui publicações de matérias feitas sobre o país e voltada para os brasileiros.

Vasconcellos e Goldchmit (2019) afirmam que, apesar da notória tentativa de fazer a revista para atrair a atenção dos brasileiros, ou seja, voltada para eles, percebe-se um predomínio de conteúdos de interesse internacionais. De acordo com as autoras, as publicações da National Geographic circulam por todo o mundo e, apesar da tentativa de se voltar para aquele público no qual ela seria publicada, existe uma inclinação dos seus conteúdos e perspectivas a focos internacionais. A imagem que se cria do Brasil é da riqueza da flora, fauna, costumes, cultura, e isso cria uma imagem do Brasil na consciência internacional de engajamento na conservação ambiental e na história dos povos que vivem no país.

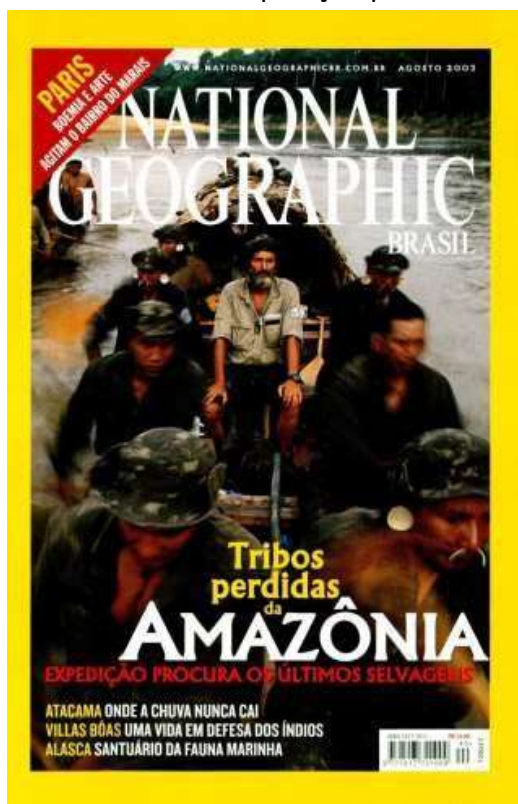
Vejamos como esses aspectos destacados pelos autores, acerca das imagens da revista, reverberam nas capas das edições brasileiras.

A revista National Geographic Brasil e suas referências ao Brasil

Durante a pesquisa das capas que citam o Brasil na revista National Geographic, encontramos menções diretas, incluindo capas com imagem e título. Foram seis referências ao país durante o período coletado da pesquisa, de maio de 2000 até dezembro de 2011. Sendo que três dessas capas abordavam a Amazônia, uma delas discutia questões ambientais, outra capa com questões históricas e a última com aspectos culturais, ou seja, três capas abordavam a Amazônia de diferentes maneiras. Com relação às outras três capas, uma capa fala da Mata Atlântica, a outra capa cita a fauna do Brasil e, por fim, uma capa aborda a mulher.

A primeira capa da revista, que aborda o Brasil, retrata um grupo de homens com roupas do exército sentados à margem de um barco e aparentam ser homens pardos. No meio do barco encontra-se um homem branco, sem uniforme algum. Também é possível observar as águas do rio em que o barco desliza e, ao fundo, a floresta densa. O título dessa capa é Tribos perdidas da Amazônia, expedição procura os últimos selvagens (figura 1).

Figura 1 - Homem branco em expedição procurando os últimos selvagens



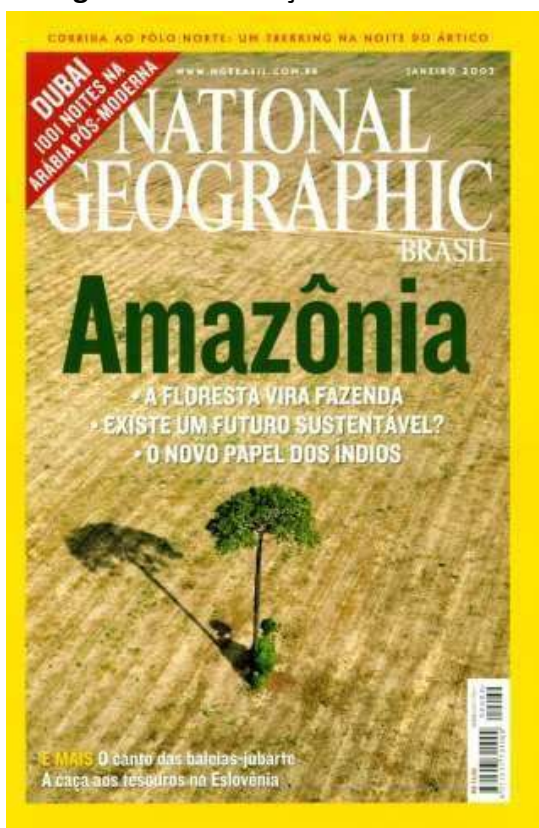
Fonte: National Geographic Brasil (ago. 2003).

Ao observarmos essa capa, temos o foco da imagem no homem branco sentado ao meio, enquanto ao seu redor estão sentados homens que são majoritariamente pardos ou com traços indígenas, esses aparecem com os rostos borrados, aparentam olhar para baixo, enquanto o homem branco mantém uma postura ereta, olhando para o horizonte, seu

semblante é visível, nada está desfocado nele. O título: Tribos perdidas da Amazônia, expedição procura os últimos selvagens. No canto superior esquerdo da capa da revista encontra-se uma tarja vermelha com o seguinte enunciado: Paris boemia e arte agitam o bairro do Marais.

A segunda capa que investigamos também aborda a Amazônia e foi publicada na edição de janeiro de 2007. A questão que se apresenta é em relação ao desmatamento. A capa tem o título: Amazônia. A floresta vira fazenda. Existe um futuro sustentável? O novo papel dos índios. Na imagem escolhida para essa capa, observamos apenas uma única árvore, de grande porte, rodeada por campos arados por máquinas de agricultura. A imagem foi capturada do alto, numa visão oblíqua, dando uma visão ampla dos campos arados (figura 2).

Figura 2 - Devastação na Amazônia



Fonte: National Geographic Brasil (jan. 2007).

Figura 3 - Paraíso na Amazônia

Fonte: National Geographic Brasil (maio 2010).

Com relação à última capa abordando a Amazônia, essa apresenta uma escultura aparentemente de madeira, remetendo à figura de um homem indígena com linhas desenhadas no rosto, com um cocar, o adorno que os indígenas usam na cabeça. O foco da imagem dessa capa é o destaque a esse índio, ao fundo são visíveis a floresta densa e os rios. A imagem parece desenhada, não aparenta ser uma fotografia, dando uma aparência de algo histórico ou artístico e possui o título: Brasil ano 1000. Sim, o Eldorado era aqui: a vida e a arte dos 5 milhões de habitantes da floresta amazônica (figura 3).

Além das capas com o tema Amazônia, temos uma capa da revista National Geographic Brasil que aborda a mata Atlântica, publicada na edição de março de 2004, intitulada “Pequenas maravilhas da mata Atlântica” (figura 4).

A imagem que se apresenta na capa é a de um minúsculo sapo de poucos centímetros, parado no rosto de uma pessoa. O foco da imagem é no rosto dessa pessoa, sendo visível apenas um dos olhos e a parte acima da bochecha, onde o sapo estaria parado. A pessoa aparenta ser branca com olhos castanhos escuros e não é possível distinguir se a pessoa fotografada é um homem ou uma mulher. Sendo assim, o ângulo do registro visual dessa capa da revista é totalmente fechado para o rosto dessa pessoa, com o pequeno sapo de tom verde, pousado em sua pele.

Outra edição da revista que aborda o Brasil é a edição de novembro de 2010. A capa faz menção à fauna brasileira (figura 5), com um peixe-boi submerso em águas verdes e

transparentes. A imagem que estampa a capa é desse animal nadando no fundo do mar, entre a vegetação rasteira. Essa é uma edição especial com o tema voltado para a biodiversidade, intitulada: Um bicho do Brasil, como o simpático peixe-boi marinho voltou a nadar em paz. Ainda traz um subtítulo onde se lê: por que o patrimônio natural pode fazer do Brasil uma potência mundial.

Figura 4 - Olhar para a pequena maravilha



Fonte: National Geographic Brasil (mar. 2004).

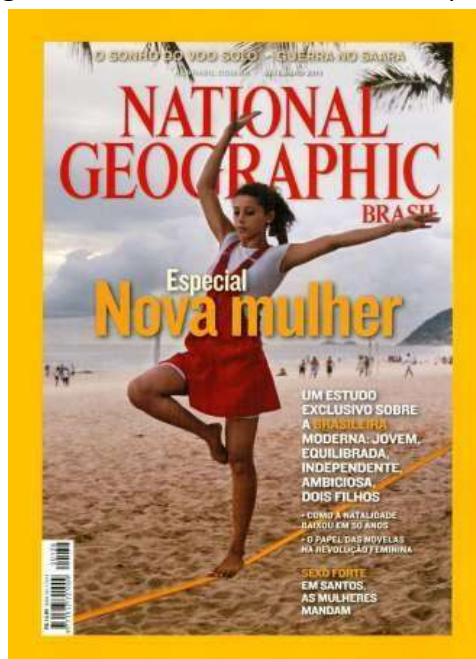
Figura 5 - Peixe-boi no seu hábitat



Fonte: National Geographic Brasil (nov. 2010).

E a última capa investigada da revista, que traz o Brasil em destaque, é a edição de setembro de 2011. É uma capa com uma abordagem diferente das demais, pois sai do eixo fauna e flora, como podemos conferir na figura 6. Na capa, há uma mulher parda vestida com uma jardineira que se equilibra sobre uma corda, a poucos centímetros da areia da praia, sendo esse cenário praial que compõem o fundo da imagem. É visível o mar, a areia, as pessoas caminhando e jogando bola, a parte de uma montanha com mata ao fundo e um céu nublado. O título da revista traz a seguinte abordagem: Especial Nova mulher, um estudo exclusivo sobre a brasileira moderna: jovem, equilibrada, independente, ambiciosa e com dois filhos. Abaixo do título principal, ainda tem os subtítulos: Sexo forte; Em Santos, as mulheres mandam.

Figura 6 - Mulher se exercitando na praia



Fonte: National Geographic Brasil (set. 2011).

Nas representações das capas podemos perceber que no eixo temático Amazônia, a primeira das seis capas a citar o Brasil é a edição de agosto de 2003, intitulada “Tribos perdidas da Amazônia, expedição procura os últimos selvagens”. Somente pelo título podemos compreender o que o autor Souza (2010) afirma ao mencionar que o homem branco e ocidental costuma enxergar os outros povos como exóticos ou diferentes. Porém, o título da revista não é o único fator a analisar e refletir acerca da afirmação de Souza. O registro visual dessa capa é algo para se considerar, pois a imagem traz um barco sobre as águas de um rio no meio da floresta, com homens pardos, até mesmo com traços indígenas sentados nas margens do barco. Os homens estão de cabeças baixas e nas fisionomias há um borrão de imagem. Entretanto, no centro do barco, encontra-se sentado um homem branco, olhando ereto e com a fisionomia visível, sendo o foco da imagem e sem nenhum borrão de edição. No canto superior esquerdo da capa, encontra-se uma tarja vermelha em destaque com os seguintes dizeres: “Paris, Boemia e arte agitam o bairro dos Marais”. Poderíamos contrastar as nuances evolutivas dos “últimos selvagens” à boemia e arte parisiense?

A edição de janeiro de 2007, no qual traz o título “Amazônia: a floresta vira fazenda, existe um futuro sustentável? O novo papel dos índios”. A imagem da segunda capa da revista analisada mostra uma grande árvore ilhada por terras aradas e cultivadas pela agricultura, transmitindo uma ideia de isolamento, de que a árvore ficou sozinha após a floresta ser desmatada. É uma imagem que transmite incômodo e preocupação.

A última edição investigada, que aborda a temática Amazônia, tem a ver com uma parte mais histórica ou até mesmo lendária. A edição de maio de 2010 traz o seguinte título “Brasil ano 1000, sim o Eldorado era aqui: a vida e a arte dos 5 milhões de habitantes da

floresta Amazônica”. Na capa da revista temos a representação de um indígena com acessórios típicos e, também, a de um paraíso escondido no meio da Amazônia. Diferentemente da primeira revista analisada, o indígena está com uma expressão séria e ereta. É curioso refletir na maneira que nesse espaço de tempo, de quase sete anos, o indígena foi abordado de forma tão diferente, sendo essa edição uma abordagem de cunho mais positivo com relação à valorização do indígena, entretanto, ainda assim, a representação foi de uma escultura de madeira a representar o indígena.

Com relação à edição de março de 2004, temos o seguinte título “Pequenas maravilhas da Mata Atlântica”. A imagem da capa mostra o olhar de alguma pessoa, observando com medo ou apreensão um minúsculo sapo parado na parte superior de sua bochecha. A ideia inicial que surge ao observar a imagem da capa, e ler o título da matéria, é de contrariedade. E isso é algo interessante de analisarmos porque, como a autora Veronica Holmann (2014) afirma, as imagens se comunicam também com o texto em que estão inseridas.

Já na edição de novembro de 2010, o que se aborda é a fauna brasileira. O título da capa é “Um bicho do Brasil, como o simpático peixe-boi marinho voltou a nadar em paz”. Na parte superior da revista também tem uma tarja com o seguinte enunciado: “Por que o patrimônio natural pode fazer do Brasil uma potência mundial?” A capa da revista mostra o peixe-boi submerso em águas verdes, e conversa diretamente com o título e o subtítulo. Podemos nos perguntar se essa capa tem uma intenção de trazer ao leitor aquilo que ele espera ver, como afirma Souza (2010), ou se tem a intenção de trazer a fauna e a flora do Brasil como representação ao citar o país, como afirma Vasconcellos e Goldchmit (2019). Talvez, sejam ambos os motivos da escolha desse tema e dessa imagem na capa.

Com o título: “Especial nova mulher, um estudo exclusivo sobre a brasileira moderna: jovem, equilibrada, independente, ambiciosa e com dois filhos”. E os subtítulos: “Sexo forte; Em Santos, as mulheres mandam”. A mulher representada na foto é parda, magra e está praticando um exercício de equilíbrio em uma praia. O que se percebe nessa capa é a abordagem da força da mulher brasileira, com suas qualidades e personalidade.

A maneira de representar o Brasil ao longo dos anos, nas capas da National Geographic, teve um predomínio de temáticas relacionadas à fauna e à flora do país, que é algo recorrente ao associar a imagem do Brasil. E, principalmente, na capa de agosto de 2003, um predomínio da imagem de que aquilo que não for ocidental é atrasado ou selvagem, enquanto que o mundo ocidental detém o imaginário de desenvolvido e exemplar, como o subtítulo de Paris sendo apontada como exemplo de arte e boemia.

As revistas National Geographic, com seu alcance global e relevância, estariam assim construindo concepções nas pessoas a respeito das nações e culturas?

Considerações Finais

A revista National Geographic transformou as imagens em um símbolo da marca, possui poder suficiente para criar no público da revista, que são milhares de pessoas ao redor do mundo, estigmas, conceitos e visões de mundo. As imagens de suas capas criaram uma

visão das distintas sociedades do mundo, de evolução e atraso, de oposição entre povos.

Talvez, possamos refletir no motivo de pensarmos em pessoas do Oriente Médio e, imediatamente, vir em nossas mentes imagens de mulheres completamente cobertas com a burca, cenários de guerra e destruição, fome e caos. Enquanto que, ao pensarmos nos Estados Unidos, imediatamente pensamos em avanços tecnológicos ou em uma sociedade modelo a ser seguida, uma sociedade evoluída.

Dito isso, partimos do princípio que a maneira como o Brasil é representado nas capas da National Geographic Brasil nos educa geograficamente. Assim, buscamos compreender o porquê podemos pensar em determinadas regiões do Brasil, e imaginar certas características, sem ao menos de fato conhecermos aquele lugar fisicamente. Ao fazermos essas associações, muitas vezes trazemos características pouco condizentes com a realidade, sendo apenas traços de um real que geram diferentes imaginários geográficos em nossa mente.

Com o desenvolvimento da pesquisa, compreendemos que as imagens possuem um valor significativo na sociedade contemporânea, sendo equiparadas a selos de veracidade e que, muitas vezes, não paramos para analisar o contexto das imagens que acessamos. As imagens, acompanhadas de textos, efeitos de cores, ângulos, formam um direcionamento do olhar de quem vê, com a intencionalidade de quem a produziu.

Das seis capas analisadas, cinco abordam questões da fauna e da flora brasileira e apenas uma se distancia desse eixo temático e aborda questões de saúde e da mulher. A representação do Brasil nas capas da National Geographic são perspectivas centradas em um eixo temático e, com o passar dos anos de publicação, notamos uma mudança na maneira de abordar o Brasil, evidenciando a questão social do indígena e do feminino.

As capas da revista National Geographic Brasil, que abordam o país, trazem uma perspectiva predominantemente voltada para o destaque na fauna e na flora, sendo que a abordagem de maior representatividade é a Amazônia, explorada nas capas de diferentes maneiras. Isso cria uma imagem do Brasil na consciência internacional de engajamento na conservação ambiental e da história dos povos que vivem no país.

Com a compreensão de como as imagens podem influenciar a sociedade contemporânea, as dimensões globais que a revista National Geographic atinge, a composição de capas que é construída com intencionalidade e a maneira com que as sociedades não ocidentais são representadas, refletimos no que as imagens contam de um Brasil, como nos transmite sua representatividade e, conseqüentemente, aos milhares de leitores que as acessam.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Eva Nizon. **A imagem da National Geographic à luz da semiótica**. Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga, Braga, jun. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/45275212/A_imagem_da_National_Geographic_à_luz_d_asemiotica. Acesso em: 25 jun. 2022.

BAITZ, Rafael. Fotografia e Nacionalismo: A Revista The National Geographic Magazine e a Construção da Identidade Nacional Norte Americana (1895-1914). **Revista de História**, [s./l.], n. 153, p. 225-250, ago.-out. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19011/21074>. Acesso em: 6 maio 2023.

HOLLMAN, Verónica Carolina. Los contextos de las imágenes: un itinerario metodológico para la indagación de lo visual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, seção n. 36, p. 61-83, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18934>. Acesso em: 6 maio 2023.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **National Geographic Brasil**, Brasil, v. 12, ed. 138, set. 2011. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/revista>. Acesso em: 6 maio 2022.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **National Geographic Brasil**, Brasil, v. 11, ed. 128, nov. 2010. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/revista>. Acesso em: 6 maio 2022.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **National Geographic Brasil**, Brasil, v. 11, ed. 122, maio 2010. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/revista>. Acesso em: 6 maio 2022.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **National Geographic Brasil**, Brasil, v. 7, ed. 82, jan. 2007. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/revista>. Acesso em: 6 maio 2022.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **National Geographic Brasil**, Brasil, v. 4, ed. 47, mar. 2004. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/revista>. Acesso em: 6 maio 2022.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **National Geographic Brasil**, Brasil, v. 4, ed. 40, ago. 2003. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/revista>. Acesso em: 6 maio 2022.

SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho. A Fotografia Enquanto Representação do Real: A identidade visual criada pelas imagens dos povos do Médio-Oriente publicadas na National Geographic. **Observatorio**, [s./l.], v. 4, p. 117-137, 2010. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-daniel-a-fotografia-enquanto-representacao-do-real.pdf>. Acesso em: 6 maio 2023.

VASCONCELLOS, Bruna; GOLDCHMIT, Sara Miriam. Narrativas visuais fotográficas na revista National Geographic Brasil: um estudo de caso. **Infodesign**, São Paulo, v. 16, p. 143-156, 2019. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/671>. Acesso em: 6 maio 2023.